





Edição Crítica das Obras de Almeida Garrett

Coordenadora: Ofélia Paiva Monteiro

## **EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE ALMEIDA GARRETT**

### **POESIA**

*O Retrato de Vénus — Ensaio sobre a História da Pintura* (e textos da polémica)  
*Camões*  
*D. Branca*  
*Lírica de João Mínimo* (e outros poemas da juventude)  
*Flores sem Fruto*  
*Folhas Caídas*  
Produção poética deixada inédita

### **TEATRO**

*Catão*  
*Méropes*  
*Um Auto de Gil Vicente*  
*O Alfageme de Santarém*  
*Frei Luís de Sousa*  
*Filipa de Vilhena/A Sobrinha do Marquês*  
Outras obras dramáticas  
Produção dramática deixada inédita

### **FICÇÃO NARRATIVA**

*O Arco de Sant'Ana\**  
*Viagens na Minha Terra\**  
Produção narrativa deixada inédita — *Fragments Romanescos\**

### **ROMANCEIRO**

### **ENSAIO**

*Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa*  
*Da Educação\**  
*Portugal na Balança da Europa*  
Produção ensaística deixada inédita

### **DISCURSOS POLÍTICOS**

### **PÁGINAS DE JORNALISMO**

### **CORRESPONDÊNCIA**

*Correspondência Familiar\**  
*Correspondência para Rodrigo da Fonseca Magalhães\**

### **VARIA**

\* Volumes publicados.



**Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.**  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[www.facebook.com/INCM.Livros](http://www.facebook.com/INCM.Livros)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

© Almeida Garrett  
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Título:* Correspondência para Rodrigo da Fonseca Magalhães  
*Autor:* Almeida Garrett

*Conceção gráfica:* GPE

*Capa:* fotografia de Tânia Henriques (INCM)

*Revisão do texto:* INCM/DED

*1.ª edição:* junho de 2016

*ISBN:* 978-972-27-2460-9

*Depósito legal:* 407 522/16

*Edição n.º* 1021095

# **ALMEIDA GARRETT**

**CORRESPONDÊNCIA PARA RODRIGO DA FONSECA  
MAGALHÃES**

Edição de Sérgio Nazar David

Imprensa Nacional-Casa da Moeda  
Lisboa  
2016



*A EDIÇÃO CRÍTICA  
DA OBRA COMPLETA DE ALMEIDA GARRETT*

*Destina-se este preâmbulo a esclarecer de forma sintética quais os objetivos e fundamentais critérios que presidiram ao trabalho da equipa de investigadores empenhados, com tanta dedicação, na tarefa urgente, morosa e complexa da edição crítica da obra integral de Garrett.*

*Serão dados a lume não só os textos publicados em vida do autor — poesia, teatro, ficção narrativa, romanceiro, ensaio, produção jornalística, intervenção oratória —, mas também os que tiveram divulgação editorial póstuma e os que permanecem em versão manuscrita; e proceder-se-á a uma fixação textual acompanhada por um aparato crítico-genético, com base nos seguintes princípios:*

- *Estabelecimento, para cada obra, de um texto-base que representa a última forma conhecida da responsabilidade do autor.*
- *Aparato, colocado em rodapé, que regista, por ordem de sucessão cronológica, as variantes, testemunhadas por manuscritos ou edições, que representam, em relação ao texto-base, estádios da maturação (linguística, estética, semântica) que o antecedeu.*
- *Prática da modernização ortográfica do texto garrettiano sempre que não apague formas que assinalam, num momento em que a grafia não estava submetida ainda a uma sistematização normativa, realizações fónicas distintas das atuais ou devidas a razões estilísticas de diversa índole.*
- *Manutenção da subtil pontuação garrettiana, a não ser em casos de necessidade evidente de correção ou de aconselhável esclarecimento da sintaxe dos textos.*

- Os critérios gerais enunciados — a especificar nos volumes que integram a edição crítica, dada a natureza peculiar dos problemas que as obras podem eventualmente oferecer — indicam o caráter moderadamente conservador da transcrição textual: desejámos oferecer um texto-base de leitura facilitada pela eliminação de marcas ortográficas oitocentistas irrelevantes (por exemplo, as consoantes duplas), mas quisemos com ele manter a «cor histórica» representativa de um certo momento da evolução da língua ou de uma preferência de Garrett, possuidor que era de um apuradíssimo sentido da eufonia, dos valores semântico-estilísticos das palavras, da variedade idioletal do português do seu tempo.

O desejo máximo desta edição, destinada naturalmente a leitores exigentes, é que, oferecendo-lhes um texto estabelecido com a preocupação do rigor ecclótico e da oferta da máxima informação conseguida sobre a maturação por que passou nas mãos do autor, se torne, para os estudiosos da literatura e da língua, um instrumento de trabalho seguro e enriquecedor, digno do lugar axial que Garrett ocupa no património das nossas Letras e da nossa Cultura.

Foram determinantes para o lançamento desta edição o apoio recebido da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, a aceitação, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, da pesada tarefa editorial, a boa vontade da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, onde se encontra o grande espólio de Garrett, e da Faculdade de Letras, à qual pertence a Sala Ferreira Lima, também muito rica em textos garrettianos e do século XIX português: a todas estas instituições dirigimos um vivo agradecimento.

*Muito deve esta edição ao seu enquadramento nas atividades científicas do Centro de Literatura Portuguesa (financiadas pela FCT), a que pertence o grupo de investigação que a assegura. Sem o seu suporte institucional e sem o empenho dos colaboradores, seria difícil levar avante este projeto. No caso específico do volume agora editado, o nosso agradecimento inclui também a Biblioteca Nacional de Portugal, o Arquivo Nacional Torre do Tombo, a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, a Faculdade de Letras de Coimbra, o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — Ministério da Ciência e Tecnologia do Brasil) e a FAPERJ (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro) pelo seu valioso contributo.*

OFÉLIA PAIVA MONTEIRO



## CONVENÇÕES E ABREVIATURAS

Usam-se as seguintes abreviaturas:

### Obras

Amorim, M. B. — Francisco Gomes de Amorim, *Garrett — Memorias Biographicas*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1881-1884, três volumes.

Garrett, O. C. — Almeida Garrett, *Obras Completas de Almeida Garrett*, edição revista, coordenada e corrigida por Theophilo Braga, Lisboa, Empreza da Historia de Portugal, 1904-1905, 28 volumes.

### Bibliotecas e arquivos

BGUC — Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

BNP — Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa).

DGARQ/TT — Direção-Geral de Arquivos/Torre do Tombo.

SFL — Sala Ferreira Lima (Coimbra).



## **INTRODUÇÃO GERAL**



## **1. Editar a correspondência de Garrett para Rodrigo da Fonseca Magalhães**

Quem compulta uma correspondência em busca de conhecimento sobre uma época e a obra de um escritor deve estar alerta.

A epistolografia, com o seu modo específico de recortar a realidade social e a realidade psíquica, submetendo os grandes e os pequenos movimentos do mundo e também os lances mais prosaicos ou mais dramáticos da vida — incluo aqui o próprio ato de escrever obra de invenção — ao crivo da consciência, pode ser uma forma subtil, deliberada ou não, de falseamento da verdade ou de alheamento. A análise da correspondência exige uma posição crítica em que a suspeita não tem parte pequena. Uma carta pode, ocasionalmente, ser lida quase sem qualquer filtro, como se o escritor se tivesse expressado sem rebuços, sem meias tintas nem meias palavras; mas a maior parte das vezes temos de interpor o filtro da dúvida, evocar o impulso intuitivo ou mesmo recorrer a outros passos da obra para que se esclareça a senda íngreme e tortuosa que nos desafia.

Recolhidas postumamente, as missivas de um escritor são quase invariavelmente conjuntos incompletos, submetidos também ao olhar de outros, que as manuseiam, leem, colecionam, preservam, ordenam, dando-lhes já algum sentido prévio. Ao leremos e inter-

pretarmos uma carta — sobretudo de um autor da envergadura de Garrett, mais ainda o conjunto ora editado, dirigido a Rodrigo da Fonseca Magalhães, que também vivia em Lisboa —, precisamos de recompor parte do diálogo, que se terá dado fora do registo escrito ou mesmo com terceiros, e também circunstâncias, histórias de vida, instituições, personagens do tempo, referidos sumariamente porque faziam parte de um conhecimento compartilhado. Parcial e fragmentado, o volume de correspondência exige quase sempre intervenção abrangente e intensa, que só o trabalho crítico sobre os materiais pode produzir.

Cumpridos os protocolos fundamentais da cautela, ainda assim as nossas diligências terão alcance limitado. Diante dos indícios que fomos seguindo e explorando, restará o sentimento, algo difuso e impalpável, de que muito do que se passou ficou perdido no obscuro poço do tempo.

Este conjunto, que ora editamos, começa no período de Bruxelas, sendo Garrett Encarregado de Negócios (1834-1836), atravessa os ministérios setembristas e o conturbado período cabralista e vai até ao rompimento dos laços de amizade, em 1852, quando o autor de *Viagens na Minha Terra* é Ministro dos Negócios Estrangeiros, de março a agosto. A saída tumultuada do ministério regenerador, envolvendo as *démarches* do Tratado de Comércio com a França e a insinuação de desvio de verbas em reunião de ministros — para Garrett, Rodrigo tinha o dever de afiançar a sua idoneidade moral —, levou à ruína a amizade estreita e fecunda.

Os movimentos fundamentais deste período são abordados: o fim da política «ordeira» e a ascensão de Costa Cabral; os ministérios Bonfim e Aguiar, que o antecedem, em relação aos quais Garrett adota uma posição crítica discreta e, depois, de oposição frontal e pública; as fações setembristas, que suscitam da sua parte posições diversas conforme a circunstância; o ministério Palmela, com o qual inicialmente colabora, do qual depois também se afasta; o segundo período cabralista, quando volta às fileiras da oposição, não sem alguma colaboração pontual; o ministério regenerador que passa a integrar de 4 de março a 16 de agosto de 1852.

Alguns temas da sua trajetória de homem público também são tratados: a fundação do Conservatório Geral de Arte Dramática (Conservatório Real de Lisboa, a partir de 4 de julho de 1840), com a aprovação de «Estatutos» e «Regimentos» e a constituição da sua biblioteca; a atuação como Cronista-Mor do Reino; as negociações com os Estados Unidos (Tratado de Comércio e Navegação) e com a França (Convenção Literária e Tratado de Comércio); a construção do Teatro Nacional; as discórdias entre as fações liberais e a guerra civil da Patuleia; a repulsa do miguelismo e do cabralismo; a aproximação com as fações mais moderadas do cartismo e do setembrismo.

Chama a atenção a coerência entre as posições políticas e o teor das suas obras de criação, em que pese por vezes a aparente ambiguidade ou contradição, que mais têm a ver com a sua índole moderada e o conhecimento dos homens e do mundo tais quais são e não como por vezes gostaríamos que fossem. A necessidade de adequar o ideal ao real, vemo-la igualmente na crítica aos hipócritas e aos idealistas de todas as cores nas *Viagens na Minha Terra*, e também no epistolário quando conclama o amigo Rodrigo a «levantar a cidade caída» após o «terremoto», que sem dúvida terá sido a guerra civil da Patuleia. Garrett sabe que não há civilização sem barbárie, que a violência estrutura a subjetividade humana. O que distingue então o homem que decide viver em sociedade? A aceitação de uma perda, a perda de um ideal, simbolizado por Quixote, mas também por Sancho Pança. Garrett relativiza tanto as grandes doutrinas do século (o espiritualismo, o cientificismo, o romantismo) quanto os prazeres mundanos (materialismo), em nome de um «futuro racionável».

O estilista da língua, que mudou radicalmente os rumos da escrita literária em português, também está presente na epistolografia: no domínio do léxico, com recurso à inovação sem descurar a herança normativa; na sintaxe enxuta e direta com relevo para as construções paratácticas; na atenuação das referências latinas e introdução de citações em línguas estrangeiras modernas; na adjetivação e no uso do advérbio de modo surpreendente; no lugar de destaque que já nas suas obras capitais tinham os in-

terlocutores (eu/tu)<sup>1</sup> e que nas missivas ao amigo desponta como o fio condutor do diálogo confidencial, «confidencialíssimo» e direto. Assinalem-se os exórdios das cartas particulares, encimadas quase todas por «Meu Rodrigo», tendo nas saudações finais o «Teu do Coração».

De todo o conjunto, um dos traços fundamentais a reter é a proximidade de Garrett com Rodrigo, o que nem por isso turva a sua independência nem impede o diálogo com alguns notáveis setembristas. Em 1841, o ministro belga na corte portuguesa recorda um chiste de Rodrigo, segundo o qual Garrett seria «o mais caro dos seus amigos»<sup>2</sup>. Em 1852, outro ministro belga, conde Augusto van der Straten-Panthoz, numa extensa carta ao seu superior hierárquico, refere-se a Garrett como um «cartista progressista», «dedicado» a Rodrigo da Fonseca Magalhães<sup>3</sup>.

O conjunto de cartas e a obra de Garrett, evidentemente, demonstram que não estamos diante de um homem público vendido a conveniências de momento. As duas passagens acima delineiam, pelo contrário, a singularidade das suas posições políticas e dos seus escritos. Sendo amigo dedicado, não era servil. Sendo cartista e monárquico, queria uma carta constitucional mais republicana, com eleições diretas para a Câmara dos Deputados e sem a sobreposição do poder moderador aos demais, com liberdade de imprensa e tolerância política, evitados sempre os caminhos sangrentos da guerra civil.

<sup>1</sup> V. Telmo Verdelho, «A Renovação da Língua Operada por Garrett», in Ofélia Paiva Monteiro & Maria Helena Santana (orgs.), *Almeida Garrett, um Romântico, um Moderno*. Actas do Congresso Internacional do Bicentenário do Nascimento do Escritor, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003, vol. II, pp. 13-41.

<sup>2</sup> Henrique Ferreira Lima, *Garrett Diplomata*, Gaia, Edições Pátria, 1932, p. 64.

<sup>3</sup> Id., *ibid.*, p. 80.

Assim como na *Correspondência Familiar*, por nós editada anteriormente<sup>4</sup>, as cartas de Garrett a Rodrigo não nos oferecem um caminho direto de diálogo com os seus escritos de invenção. Nas 97 epístolas que compilamos, em nenhum momento o autor de *Camões* e *D. Branca* se refere à gestação ou à receção de qualquer das suas obras literárias. No entanto, quem ler com atenção o presente volume poderá identificar alguns temas relevantes da sua extensa e multímoda obra, bem assim o seu estilo singularíssimo. Sob variados aspectos, temos aqui o mesmo Garrett.

A correspondência para Rodrigo da Fonseca Magalhães é essencialmente política no sentido amplo do termo. Por isso pode lançar luz sobre o papel dos intelectuais portugueses na primeira metade do século XIX; também esclarecerá uma esfera dos estudos garrettianos ainda por explorar, a obra política, nomeadamente *Portugal na Balança da Europa*, os artigos na imprensa — por vezes em jornais de difícil acesso — e os discursos parlamentares — alguns com versão mais contundente, no *Diário da Câmara dos Deputados*, outra, posterior, depurada de excessos pelo próprio autor.

A imagem de Garrett resultante da leitura deste conjunto não é unívoca. Veremos aqui o homem afeito aos galardões do poder e da vida mundana (a Grã-Cruz, a Legião de Honra, o título de visconde, o posto de ministro), mas também o cidadão que viaja até Santarém em missão de paz, que pede a Rodrigo que se move o mais prontamente possível contra as discordias civis e cede a vez na composição ministerial em nome de um acordo possível na família liberal. Nada que modifique radicalmente o que já está nas suas obras literárias. Pelo contrário, a correspondência de Garrett confirma, uma vez mais, o dizer de Boileau, inserto no capítulo III de *Viagens na Minha Terra*: «rien n'est beau que le vrai»<sup>5</sup>. A verdade para Garrett — já o demonstrou Ofélia Paiva Monteiro — é um espelho de muitas faces. Portanto, preparemo-nos para ver nas cartas

<sup>4</sup> Almeida Garrett, *Correspondência Familiar*, ed. de Sérgio Nazar David, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012.

<sup>5</sup> V. Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*, ed. de Ofélia Paiva Monteiro, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010, p. 111.

a face por vezes afirmativa e confiante, noutras vezes inquieta, do homem dividido perante as transformações do corpo social, pelas quais anseia, e que ao mesmo tempo teme: «oh pasmosa contradição de [sua] dísplice natureza!»<sup>6</sup>.

Este lote de cartas permite-nos, também, inferir alguns traços da personalidade do destinatário. No diálogo com Garrett e nos demais papéis que compulsamos, incluídas as 26 cartas de Rodrigo levantadas, vemos o homem público empenhado no diálogo e no consenso, longe dos excessos à direita e à esquerda. Rodrigo jamais cedeu ao cabralismo e ao miguelismo, preferindo sempre o diálogo com o bloco setembrista. O epíteto de «raposa» diz-nos, portanto, muito mais da sociedade portuguesa de então — resistente à independência e à habilidade de Rodrigo, conhecedor dos homens e das fações políticas — do que dele próprio, que «repudiou várias vezes [...] com indignação»<sup>7</sup> a afronta. A ação de Rodrigo na passagem do cabralismo para a regeneração foi em prol de um «cartismo ilustrado», consubstanciado no Ato Adicional de 1852, que, conforme indica Maria de Fátima Bonifácio, «[tornou] possível uma competição partidária regrada e pacífica»<sup>8</sup>.

Felizmente o tempo tem vindo a desfazer rótulos, que a Garrett e a Rodrigo por vezes tentaram e tentam ainda impor, dando lugar a uma compreensão mais densa das complexas e multifacetadas personalidades de ambos.

## 2. Núcleos do *corpus* documental

A correspondência de Garrett a Rodrigo começa a ser publicada por Francisco Gomes de Amorim, em 1884. No volume II de *Memorias Biographicas*, Amorim publica integralmente duas

<sup>6</sup> Id., *ibid.*, p. 294.

<sup>7</sup> Maria de Fátima Bonifácio, *Um Homem Singular*, Lisboa, Dom Quixote, 2013, p. 456.

<sup>8</sup> Id., *ibid.*, p. 462.

cartas, e parcialmente outra; as três com alguns erros de transcrição<sup>9</sup>. Também se refere a outras três cartas, sem transcrevê-las<sup>10</sup>. A carta que Amorim publica parcialmente está também na edição das *Obras Completas* de Garrett, de 1904, de Teófilo Braga<sup>11</sup>. Luís Augusto Costa Dias editou também no *Público*, em 2004, quase na íntegra, mais uma carta de Garrett<sup>12</sup>. São, portanto, quatro as cartas de Garrett a Rodrigo que, até ao momento, tiveram edição. Optamos por não anotar as divergências entre as lições manuscrita e impressa, adotando a primeira como texto-base.

Compõem o *corpus* documental deste volume 97 cartas de Garrett para Rodrigo da Fonseca Magalhães: 72 do Espólio Rodrigo da Fonseca Magalhães (Biblioteca Nacional de Portugal), 18 do Ministério do Reino (DGARQ/Torre do Tombo), 5 cartas do Espólio Garrett (Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra) e 2 cartas do Espólio Garrett (Sala Ferreira Lima/Faculdade de Letras/Universidade de Coimbra).

Do lote da BNP, 70 são particulares e 2 oficiais. Das da DGARQ/TT, 2 são particulares e 16 oficiais. As 5 da BGUC são oficiais (uma minuta autógrafa e quatro cópias de outra mão). As 2 da SFL são particulares (cópias de outra mão).

São, portanto, 74 particulares e 23 oficiais; 89 autógrafas e 8 cópias de outra mão; 93 cartas inéditas.

As cartas da BNP — Espólio Rodrigo da Fonseca Magalhães (E21), caixa 42 — vão de meados dos anos 30 até 1852. Algumas apresentam sumário muito incompleto; a numeração das cartas não é sequencial; e está a maior parte sem datação ou com datação parcial. Na caixa 42, encontra-se também o manuscrito de Albino

<sup>9</sup> V. Amorim, M. B., vol. II, p. 409 e pp. 421-423.

<sup>10</sup> V. Amorim, M. B., vol. II, pp. 608-611, e vol. III, pp. 300 e 387.

<sup>11</sup> Garrett, O. C., vol. xxvii, p. 78.

<sup>12</sup> Almeida Garrett, *Público*, 9 de dezembro de 2004, p. 3.

Neves da Costa com 31 fólios: oito cartas de Garrett e uma carta de António de Serpa Pimentel a Rodrigo da Fonseca Magalhães, todas apógrafas. Das oito cartas de Garrett, apenas duas não têm manuscrito autógrafo na caixa 42. Integramo-las no *corpus* deste volume pela lição do manuscrito Neves da Costa.

São do Ministério do Reino — 4.<sup>a</sup> Repartição, maços 2126 e 2127, e 3.<sup>a</sup> Repartição, maço 2038 — as cartas da Torre do Tombo. Neste caso, as cartas de Garrett estão misturadas com documentos variados, sem catalogação específica.

As cartas da BGUC são quatro cópias e uma minuta, cujos originais não foram encontrados. Também não estão catalogadas de forma específica nem está identificado nominalmente o destinatário. Por inferência de dados, identificamo-las como cartas dirigidas a Rodrigo.

As cartas da SFL estão no Espólio Garrett (móvel 5-14). São cópias de outra mão.

Há 5 cartas de Rodrigo no Espólio Garrett (BGUC)<sup>13</sup> e 19 cartas na SFL<sup>14</sup>, todas autógrafas. Na BNP, há três rascunhos de cartas de Rodrigo para Garrett<sup>15</sup>, um deles é outra versão da carta de 8 de setembro de 1852 (SFL). Gomes de Amorim publicou 5 cartas de Rodrigo para Garrett<sup>16</sup>, além de algumas das 21 cartas da BGUC e da SFL. Optámos por transcrevê-las em nota sempre que o conteúdo interessava para o esclarecimento de algum passo das cartas de Garrett.

<sup>13</sup> BGUC, Espólio Garrett, mç. 131, 22A e 43A.

<sup>14</sup> SFL, Espólio Garrett, móvel 5-14, cartas 7-25.

<sup>15</sup> BNP, Espólio Rodrigo da Fonseca Magalhães, E21/cx. 42-81, 82 e 83a.

<sup>16</sup> V. Amorim, M. B., vol. II, p. 559, e vol. III, pp. 195, 232, 269 e 341.

## CARTA 1

Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.<sup>1</sup>

Por poupar tempo a V. Ex.<sup>a</sup> tomo a liberdade de lhe escrever. O Sr. Carvalho<sup>2</sup> autorizou-me para dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que na primeira ocasião V. Ex.<sup>a</sup> me podia propor em conselho para um dos dous lugares — ou de Secretário em Paris ou de Encarregado em Bruxelas<sup>3</sup>. Acrescentando que ele *tomava sobre si* remover todas as dificuldades que viessem d'alto. Amigos meus que estão junto da Pessoa de quem as dificuldades só podem vir (pois que V. Ex.<sup>a</sup> me faz favor de me querer ajudar) me asseguram lhas têm removido já.

Eu peço muito encarecidamente a V. Ex.<sup>a</sup> que se lembre que há onze anos padeço por esta causa<sup>4</sup>, e em parte posso dizer que lhe tenho feito companhia ao menos nos sofrimentos; que

---

<sup>1</sup> Integra o Espólio Rodrigo da Fonseca Magalhães, BNP, E21/cx. 42, s. n. Cópia feita por Albino Neves da Costa. A carta é, provavelmente, de janeiro de 1834. V. n. 2, 3 e 4.

<sup>2</sup> José da Silva Carvalho (1782-1856) formou-se em Direito, em Coimbra, em 1805. Fundou o Sinédrio, em 22 de janeiro de 1818, com José Ferreira Borges, João Ferreira Viana e Manuel Fernandes Tomás (todos maçons). Vai ao centro da cena política com o triunfo da Revolução de 1820, como Ministro dos Negócios Eclesiásticos e da Justiça de D. João VI. Passando pelos exílios posteriores, durante a guerra civil integrou a regência de D. Pedro (1832-1834) e depois também o Governo no período do «devorismo», de 1834 a 1836, num círculo conhecido por «chamorro», de influência maçónica, a que também pertenceram Agostinho José Freire e Rodrigo da Fonseca Magalhães. Afastado pelo setembrismo, Silva Carvalho foi presidente do Supremo Tribunal de Justiça em 1841 e demitido em 1844 por Costa Cabral [v. Maria Filomena Mónica, dir., *Dicionário Biográfico Parlamentar (1834-1910)*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais/Assembleia da República, 2004, vol. I, pp. 644-646; Joel Serrão, dir., «Sinédrio (1818-1820)», in *Dicionário de História de Portugal*, Porto, Livraria Figueirinhas, vol. I, p. 508; e A. H. de Oliveira Marques, *Dicionário da Maçonaria Portuguesa*, Lisboa, Presença, 1989, vol. I, p. 118].

<sup>3</sup> Garrett foi nomeado Encarregado de Negócios na Bélgica em 4 de fevereiro de 1834 (Amorim, M. B., vol. II, pp. 31-32).

<sup>4</sup> Referência ao primeiro exílio de Garrett (1823-1826).

muitas razões de família me chamam daqui fora, e que por todos os motivos nenhum favor ou mercê maior[,] nem a que eu seja mais grato, me pode fazer o Governo de Sua Majestade e V. Ex.<sup>a</sup>.

Acredite V. Ex.<sup>a</sup> que o meu sincero agradecimento por este obséquio durará tanto como a minha vida, e que em tempo nenhum, espero em mim e na consciência que de mim tenho, nem V. Ex.<sup>a</sup> nem o Governo se arrependerão de escolha que de mim fizerem. Aceite V. Ex.<sup>a</sup> os meus agradecimentos por este favor em que já confio, e que ajuntarei a tantos motivos por que já sou

De V. Ex.<sup>a</sup>  
Criado Antigo, obrigado e amigo,  
João Baptista de Almeida Garrett

## CARTA 2

Meu Rodrigo<sup>1</sup>

Se te não puder dizer adeus, recebe-o assim e põe-me aos pés da Ex.<sup>ma</sup> S.<sup>ra</sup> D. Inácia<sup>2</sup>. — Meu irmão António<sup>3</sup> é o portador desta;

---

<sup>1</sup> Integra o Espólio Rodrigo da Fonseca Magalhães, BNP, E21/cx. 42-1. Iniciada a estada na Bélgica, em 1834, como Encarregado de Negócios (Amorim, M. B., vol. II, pp. 31-32), já em 1835, na sequência da morte do pai, Garrett obteve uma licença de três meses para retornar ao País. Chegou em janeiro, tendo partido em maio (Amorim, M. B., vol. II, p. 112). Segundo Ferreira Lima (*Garrett Diplomata*, Gaia, Edições Pátria, p. 25), corrigindo a informação de Amorim (M. B., vol. II, p. 106), Garrett chegou dois ou três dias antes do Príncipe Augusto de Leuchtenberg (25 de janeiro de 1835). O casamento deste com D. Maria II ocorreu a 1 de dezembro de 1834 por procuração, tendo sido celebrado posteriormente em Lisboa, na Sé, a 26 de janeiro de 1835. O príncipe faleceu em 28 de março desse ano (v. Maria de Fátima Bonifácio, *D. Maria II*, Lisboa, Temas e Debates, 2011, pp. 77-86). Esta carta deve ter sido escrita antes de uma das partidas de Garrett para a Bélgica, ou em 1834 ou em 1835. De todo o modo, em nenhuma hipótese poderá ser posterior a 1838, quando morrem o irmão de Garrett, António Bernardo, e a esposa de Rodrigo, D. Inácia, ambos referidos na mesma.

<sup>2</sup> Trata-se da esposa de Rodrigo, Inácia Delfina Cândida do Rêgo Barreto (1803-1838), filha do general Luís do Rêgo Barreto (1777-1840), mais tarde Visconde de Geraz-do-Lima, antigo comandante de Infantaria e herói da Guerra Peninsular. Este governava as armas da província de Pernambuco quando Rodrigo para lá partiu, após ter sido proclamado «desertor» na sequência da condenação do general Gomes Freire de Andrade. Rêgo Barreto nomeou Rodrigo seu secretário, mantendo-se em Pernambuco até ao momento em que, com as notícias das vitórias liberais, regressou a Portugal com Rodrigo em 1822, este já casado com a sua filha. Em 1822 desembarcaram em Lisboa. A 12 de agosto Rodrigo foi nomeado Oficial da Secretaria de Justiça, no mesmo dia em que Garrett foi nomeado para a do Reino (v. AA. VV. *Grande Encyclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa-Rio de Janeiro, Editorial Encyclopédia, vol. XI, pp. 574-577; e Amorim, M. B., vol. I, p. 260).

<sup>3</sup> Eram quatro os irmãos de João Baptista: Alexandre José (1797-1867) vivia no Porto; Maria Amália (1800-1844) em Angra do Heroísmo; António Bernardo da Silva (1805-1838) vivia em Lisboa; e o seu gémeo, Joaquim António (1805-1845), também em Angra. António Bernardo morreu em Lisboa,

e peço-te encarecidamente, por quanto pode valer contigo[,] que o protejas como ele merece[,] que é bom rapaz, e certo de que toda a minha vida serei agradecido e o *mostrarei* por quanto por ele fizeres ao teu do Coração

JB de Almeida Garrett

---

em 9 de novembro de 1838, na casa de Garrett (v. Almeida Garrett, *Correspondência Familiar*, ed. de Sérgio Nazar David, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012, pp. 161-165). João Baptista procurou colocar o seu irmão sob a proteção de Rodrigo da Fonseca, figura proeminente nos corredores do poder no período então chamado «devorista» (Maria de Fátima Bonifácio, *Um Homem Singular*, Lisboa, Dom Quixote, 2013, p. 49), para que este obtivesse ou o reconhecimento definitivo do cargo de Selador-Mor da Alfândega do Porto (para o qual tinha sido nomeado temporariamente a 1 de agosto de 1832) ou um emprego na Imprensa Nacional, de que Rodrigo foi administrador até à posse como Ministro do Reino, a 15 de julho de 1835, cargo que ocupou até 17 de novembro (Amorim, M. B., vol. I, p. 572).

## CARTA 3

Meu Rodrigo<sup>1</sup>,

Peço-te por caridade que mandes (em virtude do ofício que fiz) àquele roncero de João de Souza, o correio menos correio que há, que me mande os ofícios de Repartição do Augusto Conservatório pelo Seguro, como deve ser, porque o tal Seguro apoquenta-me com dificuldades.

Teu do Coração  
J. B.

---

<sup>1</sup> DGARQ/TT, Ministério do Reino, 4.<sup>a</sup> Repartição, Instrução Pública, Negócios Diversos, 1835-1843, mç. 2127. A carta deve ser do período em que Garrett esteve à frente do Conservatório Geral de Arte Dramática/Conservatório Real de Lisboa (1836-1841).

## ÍNDICE

A edição crítica da obra completa de Almeida Garrett, por OFÉLIA PAIVA MONTEIRO .....	9
Convenções e abreviaturas.....	13
Introdução geral, por SÉRGIO NAZAR DAVID .....	15
1. Editar a correspondência de Garrett para Rodrigo da Fonseca Magalhães .....	17
2. Núcleos do <i>corpus</i> documental.....	22
3. Garrett e o Conservatório Real de Lisboa.....	25
4. Entre duas guerras .....	36
5. Garrett na Regeneração .....	47
6. Sair do Egito, vagar pelo deserto, passar o mar Vermelho	62
7. Critérios da edição .....	65
*	
Cartas para Rodrigo da Fonseca Magalhães .....	69
*	
Índice onomástico.....	323
Agradecimentos .....	327